

João Wesley e os Católicos Romanos¹

Duncan Alexander Reily

O Milagre dos Nossos Dias

Na biblioteca da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, no Brasil, há um pequeno livro com o enorme título de: *O CATHOLICO E O METHODISTA, ou Refutação das Doutrinas Heréticas e Falsas que os Intitulados Missionários no Rio de Janeiro, Methodistas de New York, Tem Vulgarizado Nesta Corte do Império do Brasil por meio de huns Impressos Chamados Tracts, com o Fim de Fazer Prosélitos para a Sua Seita, &c.*, Rio de Janeiro, Imprensa Americana de I. P. da Costa & Co., 1839. O frontispício traz, em Latim, Jeremias 29.8-9 (“Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós... porque falsamente vos profetizam eles em meu nome; *eu não os enviei, diz o Senhor*” — grifos nossos). A obra é dedicada ao Delegado apostólico do Papa Gregório XV, e, na Dedicatória, o autor, Pe. Luiz Gonçalves dos Santos, declara que está tentando, de uma maneira muito mais humilde, repetir o que o grande Bossuet fez na França (no seu esforço de refutar os erros dos protestantes, e trazê-los novamente para a Igreja Católica). Na introdução, p. v-xxvii, há uma pequena história da Igreja, sob o ponto de vista tradicionalmente católico, onde os Metodistas sendo a seita mais nova, são considerados “os mais obstinados no erro, e atrevidos

João Wesley e
os Católicos Romanos

Duncan Alexander Reily

em propagá-lo até entre os Catholicos”². Há refutação, ponto por ponto, dos ensinamentos protestantes, e uma defesa das doutrinas católicas. Também, mais tarde, o Pe. Luiz afirma: “Os Metodistas são de todos os Protestantes os mais relaxados, e imorais, apesar da hipocrisia, que externamente afetam a parar enganar os tolos”.³ Além de refutar, com mais ou menos habilidade, os metodistas atuando no Rio, ele ridiculariza algumas práticas tipicamente metodistas como o “Camp Meeting” e “Love Feast”, baseando-se em informações obtidas a segunda mão, de um certo Mason, “que foi Pregador Metodista da Inglaterra, hoje Sacerdote Católico” uma espécie de Chiniquy em reverso.⁴

Palavras igualmente descaridas poderiam ser repetidas (e não teríamos de buscar livros escritos no século passado) do lado Protestante. Mas, o Espírito de Deus continua a fazer milagres em nossos tempos. Eu me refiro ao milagre do diálogo, o milagre do novo espírito agora reinante entre Metodistas e Católicos.

Duas pequenas ilustrações bastam. Em 1966, na Semana de Atualização Teológica (Ministers’ Week) na Universidade de Emory, Atlanta, Georgia, de propriedade Metodista, o orador oficial, fazendo uma série de conferências sobre o Vaticano II, foi o Cardeal Suenens, da Bélgica (incidentalmente, por ocasião da morte de João XXIII, do qual Suenens era amigo pessoal, este era considerado “papabile”, a saber, um forte candidato para o papado). Ao seu lado estava Fred P. Corson, Bispo da Igreja Metodista. O Bispo Corson também falou, mas resolveu ler o sermão de Wesley chamado “O Cristão Católico”, como sendo o ato mais apropriado na hora. O Cardeal Suenens recebeu um grau de doutor *honoris causa* de Emory; igualmente o Bispo Corson, posteriormente, da Universidade Católica em Washington!

O outro “milagre” é o livro intitulado *John Wesley’s Letter to a Roman Catholic*, editado por Michael Hurley, S. J., e impresso simultaneamente pelos Católicos em Londres, Dublin, e Melbourne, e pelos Metodistas em Belfast, Nashville, e Nova York. Contém prefácio pelo Bispo Odd Hagen, então (1968) Presidente do Conselho Mundial Metodista, e Augustin Cardinal Bea, Presidente do Secretariado do Vaticano pela Unidade Cristã.

Seria demais, é claro, dizer que tudo isto é fruto do pensamento e do espírito de tolerância de João Wesley. É fruto do Espírito Santo, através do Movimento Ecumênico, que nasceu no seio Protestante, mas que tem sido um fator poderoso em remodelar pensamentos e atitudes dentro da Igreja Católica Romana. Não seria demais, porém, ver em Wesley, como os próprios Católicos Romanos estão vendo, um precursor deste novo espírito.

I. Um Retrospecto Histórico

O espírito católico de João Wesley contrasta frontalmente com o espírito do seu tempo, pois a tolerância religiosa, mesmo entre protestantes, foi um fruto que tardou muito em amadurecer. Onde as condições políticas e religiosas permitiam, o totalitarismo religioso prevalecia. Na Alemanha, politicamente desunida, onde Lutero ganhou inúmeros adeptos mas não logrou conquistar a totalidade do povo, adotou-se o princípio *Cujus regio, ejus religio*, na Paz de Augsburgo (1555). Era um *modus vivendi*, em que o príncipe de cada estado escolhia a religião do mesmo, alguns estados passando a ser exclusivamente católicos, outros luteranos. Na prática, dentro de cada estado, não diferia do princípio invocado por Luiz XIV da França quando, em 1685, revogou o Édito de Tolerância de Nantes, *Une foi, un roi, une loi*.⁵

Na Inglaterra a tolerância também tardou em aparecer. Optando por Anglicanismo, ela chegou a tolerar outras confissões protestantes só em fins do século XVII. Após sua Guerra Civil e o Interregnum (1649-60), que foi também o período de ascendência do parlamento e dos puritanos, o Rei Carlos II se esforçou por impor o Anglicanismo em todos os seus súditos. Tão severas foram as restrições que as demais confissões foram enfraquecidas e danificadas, embora não destruídas. A Tolerância finalmente veio aos protestantes que cressem na Trindade e subscrevessem aos 39 Artigos de Religião, com a coroação de Guilherme de Orange e Maria, filha de Tiago II (1688).

Os excessos do reinado da católica Maria, chamada “sanguinária” fizeram com que os ingleses rechassem qualquer soberano católico depois, como ameaça às suas liberdades essenciais. Quando o Rei Tiago II (1685-88) se revelou católico romano e assumiu uma política crescentemente romanizante, a oposição a esta política o forçou a fugir para a França católica sem formalmente abdicar do trono. O seu afastamento, porém, foi tratado como um *de facto* abdicação, e seu trono vago foi preenchido por Guilherme de Orange. Houve ainda mais duas tentativas de entronizar reis católicos na Inglaterra. A primeira foi depois da morte da Rainha Ana, filha protestante do Rei Tiago II, em 1714. Para evitar o reestabelecimento da linha católica, Jorge I, bisneto de Tiago I, foi escolhido; Jorge era alemão que nem sequer o inglês falava, mas era protestante! Passou-se uma geração, e, numa época quando Rei Jorge II estava ocupado com guerra na França, o Príncipe Carlos Eduardo, católico romano seriamente ameaçou um golpe de estado. Ele encontrou apoio na Escócia, a ponto de conseguir declarar o seu pai Rei da Inglaterra, em Perth, aos 04 de Setembro de 1745.⁶

Toda Inglaterra temeu invasão imediata, sendo o caminho mais lógico por Newcastle, e para lá imediatamente se dirigiu João Wesley e ali permaneceu enquanto havia perigo iminente. Seu *Journal* é uma crônica da cidade; por ele sentimos a ansiedade do povo que fecha uma das portas da cidade, coloca canhões sobre seus muros, etc. O “Orfanato” metodista ficava fora dos muros, mas Wesley confiava naquele que é “um muro de fogo ao redor dos que confiam”.⁷ O temor cresce com a notícia da derrota do general inglês Cope, e rumores de que os Escoceses se aproximam de Newcastle. Wesley ofereceu seus serviços grátis como capelão, mas o oferecimento não foi aceito. Deu-se de fato a invasão temida, e os escoceses chegaram até Derby, na Inglaterra onde o pretendente foi declarado Rei Tiago III; porém, os ingleses logo se reanimaram, e o príncipe Carlos bateu em retirada, sofrendo derrota decisiva em Culloden, aos 16 de Abril de 1746.⁸

Foi durante esta ameaça que Wesley escreveu o seu tratado “Uma Palavra Sazonada”, em que percebemos claramente seu medo de uma vitória romana.⁹ Wesley descreveu em cores berchantes a ameaça de “Papismo” e escravidão, particularmente lembrando os homens santos queimados vivos durante o reinado de “Maria Sanguinária”, “só porque se recusavam adorar santos, orar à virgem, e ajoelhar-se a imagens”.

Igualmente temia que o conquistador confiscaria os bens dos vencidos. Wesley diagnosticou a causa deste perigo como o pecado aberto e o Deísmo do povo inglês; receitou uma forte dose de religião autêntica para que Deus enviasse a sua ajuda, “ajuda suficiente contra os nossos inimigos”. (É uma nota curiosa que, apesar da sua lealdade ao Rei da Inglaterra nesta hora, houve acusação

de que o próprio Wesley teria estado com o Pretendente perto de Edimburgo.)¹⁰

Conforme vimos, Wesley encarava a possibilidade da coroação de um rei declaradamente católico como ameaça à liberdade religiosa, e mesmo à propriedade dos Protestantes. Esta ameaça era real, embora talvez menos séria do que ela parecia na época.

Um outro fator deverá ser brevemente considerado. Embora o contato de Wesley com católicos romanos na Inglaterra tenha sido muito limitado, ele sentiu na sua própria carne a fúria da turba irlandesa (católica), pois visitou regularmente a Irlanda onde o metodismo teve (e tem) considerável trabalho. Devemos lembrar que, nesta época o povo irlandês era realmente oprimido pelos ingleses, o que certamente explica uma parte da oposição também a Wesley. Uma parte desta oposição era um esforço, por métodos totalmente errados, de transformar os irlandeses em protestantes. Façamos ainda justiça aos irlandeses, pois há referências no *Journal* de Wesley, a bom trato, a auditórios atenciosos, etc., bem como à fúria da turba irlandesa contra os *Swaddlers*, apelido dado por eles aos metodistas.¹¹

Em 1749, Wesley visitou a cidade de Cork, Irlanda, centro de muita violência católica contra os protestantes. Ele fez dezoito entrevistas com os metodistas do local, os quais haviam sofrido perseguição de toda a sorte, e isso no decorrer de diversos meses.¹² Na visita de 1749, embora no período destas perseguições, a pessoa de Wesley não foi atingida, mas o foi na sua próxima visitação. Wesley passou pelas ruas de Cork, com a intenção de pregar; a turba lançou muitas coisas contra ele, não conseguindo acertar. Conforme o seu costume, olhou a turba com coragem, e passou por meio dela, até chegar à ponte de Daunt, onde a multidão

gritava: “Viva os Romanos”. Mesmo assim, deixaram Wesley passar e ele conseguiu entrar na casa de um certo Jenkins. Uma “papista” tentou impedir a sua entrada e, no processo, levou uma bofetada que errou o verdadeiro alvo, Wesley. No dia seguinte, queimaram-no em efígie.¹³

Ao invés do rancor que tal perseguição poderia facilmente provocar, Wesley tentou demonstrar um amor profundamente cristão aos Católicos Romanos. Foi exatamente no meio da perseguição de 1749, a saber, aos 18 de julho, que escreveu o seu famoso tratado intitulado “Carta a um Católico Romano”, documento hoje célebre e que acaba de ser novamente publicado em edição conjunta, Católica e Metodista.

A tolerância de Wesley não foi, então, de uma pessoa nunca vítima de perseguição, e nem por um homem ignorante da história, o que a torna muito mais significativa.

II. Uma Tolerância Unida a Conhecimento e Convicção

O que muitos chamam de “tolerância” não passa de ignorância ou indiferentismo. A tolerância de João Wesley não era deste naipe! Wesley desejava que os Católicos Romanos (a maioria apenas em nome) fossem realmente cristãos; de modo, como trabalhou com toda a energia do seu ser, para fazer dos ingleses, nominalmente Anglicanos, cristãos verdadeiros (que experimentassem a fé viva em Cristo Jesus), trabalhou com igual dedicação para que os irlandeses também se “convertessem” a Cristo! Sim, Wesley claramente desejava *converter os católicos*. Porém, a conversão dos irlandeses fora, já há muito tempo, até meta política do governo inglês. O governo procurava

esta conversão por desapropriar os templos católicos e dá-los aos protestantes (em muito menor número), substituir os bispos católicos por anglicanos, etc. Wesley, após estudar a situação, propôs um plano que denominou “infalível”!¹⁴ Qual seria o método? O obstáculo da conversão no entender de Wesley, dos irlandeses era a sua lealdade aos sacerdotes; e acima dos sacerdotes aos verdadeiros Apóstolos. O método de Wesley, muito sucintamente, era o seguinte: o clero inglês, trabalhando na Irlanda, simplesmente teria que *viver* e *pregar* como os apóstolos! Qualquer bom católico, reconhecendo que o clero inglês era, realmente, apostólico, abandonaria o seu clero (manifestamente *não*-apostólico). Wesley esboçou o que significa “viver” como os apóstolos. Em suma, significava ser crucificado com Cristo, ter a vida escondida nele. Interiormente, significa ter a fé viva em Cristo, que opera pelo amor uma transformação total da vida, tanto interior como exterior. “Pregar” como os apóstolos significa, antes de mais nada, *pregar só a Cristo*. Isto é, pregar a justificação só pela fé, e o novo nascimento do coração do pecador, iniciando um processo de santificação. Os apóstolos não pregavam a eles mesmos, mas a Palavra daquele que os enviou. Isto, garantia Wesley, resultaria no povo irlandês abandonar o seu clero inadequado em favor deste clero claramente apostólico em vida e mensagem. O que décadas de opressão e pressão legal não puderam fazer, com uma facilidade quase mágica, seria conseguido.¹⁵

Wesley não ignorava os erros doutrinários de Roma, e não os considerava de somenos importância. Entre as suas obras, há uma intitulada: “Um Catecismo Romano, fielmente tirado dos escritos aprovados pela Igreja de Roma, com uma Resposta”. No prefácio, Wesley declara que “sem um exame fiel e imparcial de um erro, não pode

haver refutação sólida do mesmo”.¹⁶ Esta obra deixa transparecer o fato de que Wesley tinha, na verdade, se inteirado das bases doutrinárias do romanismo, nas línguas originais, com atenção especial às resoluções do Concílio de Trento e aos escritos de Belarmino, reconhecido na época como intérprete fiel da posição católica romana. O Catecismo não foi publicado pela Igreja Católica, é claro; foi uma tentativa de Wesley examinar a doutrina oficialmente esposada (naquela época) pela Igreja. As perguntas são propostas por Wesley, com respostas que representam o ensino oficial da Igreja Católica Romana. Depois, Wesley responde com objeções, tiradas das Escrituras Sagradas, dos padres antigos, e da razão. (É interessante notar que Wesley, enquanto dando a primazia à Palavra, dá um peso considerável aos pais prenicenos, e nunca menospreza a razão. E, em ponto de fato, nem Lutero completamente descartou a “tradição”, pois dava sempre muita importância aos chamados “credos ecumênicos”, sem dúvida um elemento da “tradição”.) Para apreciar a importância da obra, é bom notar que ocupa de p. 86 a 128 no Volume X das Obras Colecionadas de Wesley. Critica pontos tradicionalmente condenados por protestantes, o que torna desnecessário resumirmos a obra toda; basta citar um passo típico.

PERGUNTA. Por que é a sujeição ao Papa necessária à salvação, e uma nota essencial da Igreja?
RESPOSTA. Porque o Papa é o Vigário de Cristo, sucessor de São Pedro (Concil. Tri. Sess. 6, Decret. de Reform. Cap. 1; Bulla Pii IV, Sup. Form. Juram.) e tem o poder supremo na terra sobre a Igreja inteira (Con. Trid., Sess. 14, c. 7). “A Igreja é chamada una, e porque tem um cabeça invisível, Cristo; e um visível, que possui a cadeira de Roma, como o sucessor legítimo de São Pedro, príncipe dos Apóstolos” (Catec. Rom., par. 1, c. 10, n. 11).
OBJEÇÃO. Se Cristo não deu tal poder a São Pedro ou se o Papa não é o sucessor de São Pedro, então

o Papa não pode pretender a esta autoridade. Agora, lemos que “Cristo deu uns para apóstolos e outros para profetas... para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.11-12). Mas que tenha dado a um apóstolo a preeminência acima dos demais, muito menos, poder absoluto sobre eles, não lemos em parte alguma. Eram proibidos a desejarem tal poder (Mt 20.26), e São Paulo estava tão longe de reconhecê-lo que asseverou sua igualdade com os outros apóstolos (Gl 1.15,17) e, numa ocasião resistiu a São Pedro na cara (Gl 2.11).

A isto podemos acrescentar a opinião de São Cipriano: “Os outros apóstolos são o mesmo que foi São Pedro, dotados com igual comunhão de honra e de poder”.¹⁷

Como facilmente podem imaginar, o resto se dedica a “Escritura e Tradição”, “fé e boas obras”, “a Virgem Maria”, “Santos”, “Imagens”, etc., etc. Além desta evidência, de natureza “negativa”, poderíamos facilmente aduzir evidência de que Wesley piamente cria nos grandes artigos da fé enfatizados pelos protestantes, a saber: A salvação pela graça, mediante da fé; a supremacia das Escrituras como a Palavra de Deus; e o sacerdócio universal do crente.

III. Um Catolicismo de Doutrina e de Amor

Penso que já tornei claro que a tolerância de Wesley não resultou nem da ignorância das doutrinas romanistas (e nem indiferença às doutrinas básicas da Reforma), e nem por atribuir pouca importância a questões doutrinárias. O seu “espírito católico”, então, teria outras raízes, muito mais dignas. A primeira, já aludi na primeira preleção: Wesley era um homem de pensamento equilibrado, um verdadeiro “cristão católico”. Uma das suas mais importantes contribuições teológicas é justamente unir, num só sistema de pensamento,

os princípios mais fundamentais da Reforma e do Catolicismo. Refiro-me às doutrinas de JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ, e a SANTIFICAÇÃO. Não será este o lugar de dar um curso de teologia católica. Será suficiente, talvez, de lembrar que os dois teólogos máximos da Igreja Católica foram Agostinho e Tomás de Aquino. Em descrever o conceito da fé em Agostinho, Seeberg assim fala: “Fé . . . , a aceitação da verdade da revelação . . . se torna fé cristã só quando é a fé que opera pelo amor” (fid. et. op. 16.27; serm. 168.2; cp. João tr. 6.21) .

“... A principal obra da graça é realmente a *infusão de amor*. ou *duma nova e boa vontade*.”¹⁸ No seu tratado “Da Ética da Igreja Católica”, Agostinho descreve as tradicionais “virtudes” como realmente expressões de amor: “Temperança é o amor que se guarda íntegro e incorrupto para Deus; fortitude (coragem) é o amor que tudo suporta pelo amor de Deus; a justiça é o amor que serve só a Deus, e daí rege tudo bem, no que tange ao homem; a prudência é o amor que sabe distinguir entre o que a ajuda chegar-se a Deus e o que é impecilho a isto”.¹⁹ No ponto de vista de Tomás, há grande semelhança. “Pela infusão da graça o homem também recebe o amor que transforma a sua atrição em contrição, e a *fides informis* a *fides formata*”.²⁰

Não estou tentando estabelecer uma equivalência doutrinária entre o ponto de vista de Wesley e o de Agostinho e Tomás de Aquino. O que estou fazendo, é chamar a atenção para o fato que Wesley, o qual insiste na justificação pela fé, é igualmente insistente na santificação, tanto que, estudiosos competentes diferem sobre o que é realmente a doutrina básica de Wesley. Cannon, na sua obra, *The Theology of John Wesley* indica a sua preferência no subtítulo: “With Special Reference to the Doctrine of Justification”. Porém

outros, como Eric Baker, em *The Faith of a Methodist*, para citar apenas um, defendem “Perfeição Cristã” como a doutrina norteadora de Wesley.²¹ Eu não quero tomar partido neste debate; aliás, a minha opinião pessoal é que devemos encarar uma área um pouco mais larga, a saber, a Doutrina da Redenção, que abarca tanto a Justificação como a Santificação como, talvez, igualmente importantes.

Certamente de igual importância com a catolicidade doutrinária, fundindo em um único sistema de pensamento a essência protestante e católica, é o genuíno amor cristão que Wesley nutria por todos, o que não poderia excluir os Católicos Romanos. Em nenhum lugar nos seus escritos encontramos uma expressão mais clara deste amor do que na “Carta a um Católico Romano”, já mencionada nesta conferência. Esta carta merece ser lida por todo o metodista, para ver o espírito irênico de João Wesley — homem que escrevia no meio de perseguição cruel, que reconhecia os erros do Romanismo, e que conhecia e amava as doutrinas da Reforma. Esta carta, realmente, merece um estudo separado. Após examinar o Credo Apostólico, e expor a grande área de crença em comum entre protestantes e católicos, Wesley passa a descrever a conduta dum verdadeiro Protestante. Ele é bem claro em dizer que se o Protestante não pratica a sua religião, a sua fé não o salvará!

Sem desprezar as diferenças de “opinião”, Wesley sugere um outro caminho: o do AMOR. Mesmo se não podemos pensar o mesmo, podemos ser iguais no amor! O amor resulta em uma série de exigências:

- (1) Evitar todo o *ato* que possa ferir um ao outro; pelo contrário, praticar a “Regra Áurea”.
- (2) Evitar toda a *palavra* áspera ou inamistosa.

- (3) Evitar qualquer *pensamento* menos caridoso.
- (4) Cada qual esforçar-se por ajudar o outro progredir na sua caminhada cristã.

A Resposta

A “Carta” escrita por João Wesley a um Católico Romano, cujo nome é desconhecido — ou talvez tenha sido apenas uma carta circular endereçada a todos os Católicos Romanos da Irlanda — demorou muito em receber uma resposta adequada. Porém, um outro João, em nosso século — João XXIII deu a resposta a esta carta! Aquele espírito de amor, aquela irmandade, aquela abertura que João Wesley tanto almejou, o outro João parece ter compreendido completamente! Muito do que Wesley pediu — quem sabe muito mais ainda — foi atendido nas sessões do Concílio Ecumênico, Vaticano II.

Aqueles que dizem que nada mudou na Igreja Católica Romana estão redondamente enganados! Muitas coisas bem óbvias ocorreram! Nós Metodistas (inclusive João Wesley) achávamos errado fazer um culto em língua desconhecida pela congregação — Vaticano II fez possível cada povo católico celebrar o seu culto no vernáculo. (O meu primo, Pe. Haroldo Rahm, S. J., missionário no Brasil, usou a missa em português no primeiro domingo que seu bispo o permitiu!) Desejávamos uma participação do povo de Deus no culto; o novo ritual encoraja esta participação. Ressentíamos o fato de que a Igreja Católica usurpava para si o privilégio de ser “a Igreja”; fomos considerados “hereges”. Agora, já somos irmãos, e muitos Católicos estão esquecendo de dizer “separados”. A velha luta entre Escritura e Tradição foi tremendamente abrandada como o novo conceito do Vaticano II que, afinal, há apenas *uma* fonte de re-

velação — é Deus que se revela (a revelação não é, e nem pode ser, livro nenhum, nem a própria Bíblia, embora esta realmente nos transmita a revelação). Bispo James Mathews, Bispo Metodista, diz que os Protestantes dos nossos dias se queixam que os Católicos estão sempre citando Escritura!

Há diferenças ainda fundamentais; não resta a menor dúvida: a definição da Igreja (cujo centro ainda parece ser Roma), o papado, o lugar da Virgem Maria (mas vamos lembrar que mesmo João Wesley pensava que Maria era perpetuamente Virgem, e Martinho Lutero tem um tratado mui interessante sobre o “Magnificat”). Questões como “limbo”, “purgatório”, e diversas outras que poderíamos lembrar ainda são problemas; a missa e a transubstanciação, os sacramentos, etc., mostram a distância que nos separa em questões doutrinárias. Mas há um fato curioso que nunca deve ser esquecido: Os Católicos Romanos são mui hábeis em desfazer dificuldades. (Nós Protestantes também somos, quando necessário!) Para ilustrar o ponto de uma outra disciplina, a ética, Joseph Fletcher diz no seu livro *Situation Ethics*, que a moralidade católica é basicamente legalista; porém ele faz a seguinte declaração muito interessante:

Católicos adotaram . . . uma forma de teologia moral que, com o aumento das suas voltas e involuções, mais e mais emprega uma casuística que parece (como, felizmente acontece efetivamente) evadir as próprias leis do bem e do mal estabelecidas nos seus livros, textos e manuais.

O amor, mesmo contra os mais obstinados construtores de sistemas, continua a pleitear a causa da misericórdia e a ganhar, pelo menos em parte, libertação das abstrações frias da lei. A casuística é a homenagem prestada pelo legalismo ao amor aos homens, e ao realismo das relatividades da vida.²²

Não é o nosso propósito no momento entrar em questões de ética, mas estamos usando a questão da casuística para mostrar que há caminhos para conseguir o aparentemente impossível.

A questão em pauta são as diferenças insuperáveis entre a doutrina católica e protestante. O problema mais óbvio é que “dogma”, na Igreja Católica, é irreformável. Mas há diversas coisas que podem ser feitas com ele. Ao lado do dogma oficial, soluções paralelas são perfeitamente viáveis. À guisa de ilustração, nos documentos de Vaticano II, há novidades notáveis com respeito à Igreja. Usa-se a expressão “povo de Deus”, que em si é uma abertura. O círculo da Igreja é muito maior, incluindo outras corporações religiosas como “Igrejas” e seus membros como “irmãos separados”. Há reconhecimento de culpa por parte da Igreja Católica Romana pelas divisões do Cristianismo. E há até um convite a todos os cristãos, não a voltar a Roma, mas a ir juntos a Cristo! Há obviamente duas mentalidades aqui, em luta. O Protestante, ao invés de regozijar-se com estas “discrepâncias” no sentido de crítica, deverá agradecer a Deus pela nova abertura que isto nos oferece. Em outras palavras, podemos reconhecer, com alegria, que há, realmente, mais do que uma interpretação possível dos documentos oficiais da Igreja, e temos a liberdade de ficar com aquela mais próxima da nossa posição.

Uma outra coisa que pode ser feita é deixar os dogmas tornar-se inoperantes por decrepitude! Em inglês, costuma-se dizer, “Let sleeping dogmas lie”. Há Igrejas Protestantes que, sem oficialmente mudarem o Credo Apostólico, simplesmente omitem aquela frase embaraçosa “desceu ao Hades”, e geralmente isto encontra apoio, silencioso, mas sólido. Por que não deixar os nossos irmãos católicos fazerem o mesmo? (Um Pastor Presbi-

teriano recentemente me confessou que nunca pregara um sermão sobre a Predestinação...)

Chegará o dia em que todo o Cristianismo será reunido em uma só Igreja? Não sei, mas tenho tremendas dúvidas! Mas que há oportunidades agora como nunca antes para diálogo, para empreendimentos comuns na base de cooperação, para um testemunho unido em muitas áreas, isto é certo. Esta união, pelo menos em AMOR, foi a oração de João Wesley — e se tornou possível pela resposta do outro João, o Bispo de Roma.

NOTAS

1 Conferência pronunciada por ocasião da Semana Wesleyana, Faculdade de Teologia, S. B. do Campo, SP, maio de 1969.

2 Luiz Gonsalves dos Santos, *O Católico e o Metodista*, p. xv.

3 Santos, op. cit., p. 59.

4 Santos, op. cit., p. 151.

5 "uma fé, um rei, uma lei." Cp. Roland Bainton, *The Reformation of the Sixteenth Century*, Boston, Beacon Press, 1953, p. 172.

6 O pai do Príncipe Carlos Eduardo, era conhecido como o "Velho Pretendente"; ele assumiu o título de Tiago III.

7 Zc 2. 5.

8 *The Journal of John Wesley*, de 11 de Setembro a 27 de Outubro, 1745. Outras referências a essa obra serão abreviadas assim: Journal, + data.

9 *The Works of John Wesley*, 3a. Ed., 1831, XI, 182-186. Subseqüentes referências serão registradas sob Works.

10 *Journal*, 08 de Novembro de 1745

11 O apelido teria sido dado quando alguns irlandeses ouviram um pregador metodista pregar sobre o infante Jesus, o qual, segundo a versão inglesa (Lc 2.7) foi envolto em swaddling clothes (panos) e colocado na manjedoura.

12 Veja *The Journal of John Wesley*, Standard Edition, Nehemiah Curnock, ed., London, Epworth, 1938, III, 414.

13 *Journal*, 20 e 21 de maio, 1750

14 Works, X, 130.

15 Works, X, 129-133.

16 Works, X, 87.

17 Works, X, 88.

18 *Textbook of the History of Doctrine*, Grand Rapids, Michigan, Baker, 1958, I, 349.

19 Citado em Waldo Beach e H. Richard Niebuhr, *Christian Ethics*, N. Y., The Ronald Press Co., 1955, p. 115.

20 Neve, J. L., *A History of Christian Thought*, Philadelphia, Fortess, 1946, I, 203.

21 New York, Abingdon, 1958, p. 21.

22 Philadelphia, Westminster, 1966, p. 19.

Carta a um Católico Romano*

1. Ouvistes dez mil estórias de nós que somos comumente chamados Protestantes. Se credes em apenas um milésimo destas estórias, deveis pensar muito mal de nós. Mas isto é exatamente contrário ao preceito do Senhor, "Não julgais, para que não sejais julgados", e tem muitas conseqüências más, particularmente o seguinte: inclina-nos a pensar mal de vós também. Portanto, de ambos os lados, somos menos prontos a ajudar-nos mutuamente e mais propensos a prejudicar um ao outro. Daí se destrói completamente o amor fraternal; e cada grupo, encarando o outro como monstros, dá lugar à ira, ao ódio, à maledicência, a todo o sentimento inamistoso, o que freqüentemente tem resultado em barbaridades desumanas, quase desconhecidas entre os pagãos.

2. Não se pode fazer nada, mesmo admitindo que cada grupo (Católicos e Protestantes), retenha as suas próprias opiniões, para amolecer os nossos corações, refrear este dilúvio de malevolência, e restaurar, pelo menos em algum grau, o amor entre os novos vizinhos e compatriotas? Não

* Apesar do título estar no singular, Wesley muitas vezes usa o plural. Nós resolvemos tratar a carta realmente como uma carta circular, sempre usando a forma plural. (N. T.)

quereis vós? Não estais plenamente persuadidos que malignidade, ódio, vingança, crueldade, quer da nossa parte, quer da vossa, em nosso coração ou no vosso, é uma abominação ao Senhor? Sejam acertadas ou erradas as nossas opiniões, os sentimentos acima referidos certamente são errados! Constituem aquele caminho largo que conduz à destruição, ao inferno mais profundo!

3. Não suponho que toda a amargura e inimizade estão do vosso lado. Sei que há bastante do nosso lado também; tanto que receio que muitos Protestantes (assim chamados), hão de irar-se contra mim, por escrever-vos desta maneira, e dirão: “Tu estás favorável demais aos Católicos; eles não merecem tal consideração de nossa parte”.

4. Mas eu creio que a mereceis. Creio que mereceis a mais amável consideração que eu posso mostrar, mesmo porque foi o mesmo Deus que criou ambos do pó da terra, e nos fez capazes de amá-lo e gozá-lo eternamente; ademais, o Filho de Deus comprou todos nós com o seu próprio sangue. Mereceis ainda esta ternura por serdes tementes a Deus (como sem dúvida muitos o são) e de vos esforçardes por ter uma consciência limpa de ofensa perante Deus e o homem.

5. Buscarei, tão suave e inofensivamente quanto possível, reduzir a base da vossa inimizade, por claramente expor a nossa crença e prática, para que possais ver que não somos tais monstros como talvez imaginais. Um verdadeiro protestante expressa a sua crença em palavras como as seguintes:

6. Estando seguro de que há um Ser infinito e independente, e que é impossível existir mais do que um, também creio que este único Deus é o Pai de todas as coisas, especialmente dos anjos

e dos homens; que Ele é, de maneira especial, o Pai daqueles que Ele regenera pelo seu Espírito, os quais Ele adota no seu Filho, como co-herdeiros com Ele, e os coroa com uma herança eterna; mas num sentido ainda mais elevado, é o Pai do seu único Filho, o qual gerou desde a eternidade.

Creio que este Pai de todos, não só pode fazer tudo o que lhe apraz, mas possui o direito eterno de fazer o que, quando, e como lhe apraz, de possuir e dispor de tudo quanto criou; e que ele, da sua própria vontade, criou o céu, a terra e tudo que neles há.

7. Creio que Jesus de Nazaré foi o Salvador do mundo, o Messias anteriormente prometido, que, sendo ungido pelo Espírito Santo, foi profeta, revelando-nos a vontade plena de Deus; que foi Sacerdote, que se entregou como sacrifício pelo pecado, e ainda intercede pelos transgressores; que é Rei, que possui toda a autoridade no céu e na terra e que reinará até que subjogue todas as coisas.

Creio que ele é o próprio, natural Filho de Deus, Deus de Deus, verdadeiro Deus de Deus; e que é o Senhor de todos, tendo absoluto, supremo e universal domínio sobre todas as coisas; mas, de nós que nele cremos, Ele é o Senhor por conquista, por compra, e por obrigação voluntária.

Creio que foi feito homem, unindo a natureza humana à divina em uma só pessoa; sendo concebido pela obra singular do Espírito Santo, nascido da abençoada Virgem Maria, que, tanto antes, como depois de dar-lhe à luz, continuou virgem pura e imaculada.

Creio que Ele sofreu dores inexprimíveis tanto no corpo como na alma, e finalmente a morte, mesmo a morte de cruz, na época em que Pôncio Pilatos governava a Judéia, sob o Imperador Romano; que o seu corpo foi colocado no túmulo, e

a sua alma foi até ao lugar dos espíritos separados; que ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; que subiu ao céu, onde permanece no meio do trono de Deus na excelcitude do poder e da glória, como Mediador até ao fim do mundo, como Deus para toda a eternidade; que, finalmente, descerá do céu para julgar todo o homem segundo as suas obras; tanto aqueles que ainda vivem, como todos os que já antes morreram.

8. Creio que o infinito e eterno Espírito de Deus, co-igual com o Pai e o Filho não só é perfeitamente santo em si, como também a causa imediata da santidade em todos nós; iluminando a nossa mente, retificando a nossa vontade e os nossos afetos, renovando a nossa natureza, unindo a nossa pessoa a Cristo; assegurando-nos de nossa adoção de filhos, guiando-nos em nossas ações; purificando e santificando as nossas almas e corpos, para um pleno e eterno gozo de Deus.

9. Creio que Cristo, pelos seus apóstolos ajuntou para si uma Igreja, à qual continuamente acrescentava aqueles que iam sendo salvos; que esta Igreja Católica (isto é, universal), estendendo-se a todas as nações e todas as idades, é santa em todos os seus membros que tem comunhão com os santos anjos, que constantemente ministram aos herdeiros da salvação; e com todos os membros vivos da Igreja sobre a terra, bem como todos que partiram na sua fé e no seu temor.

10. Creio que Deus perdoa todos os pecados daqueles que realmente se arrependem e crêem sem fingimento no seu santo evangelho e que, no dia final, todos os homens hão de ressuscitar, cada um com seu próprio corpo.

Creio que, assim como os injustos, após a ressurreição, serão atormentados eternamente no inferno, também os justos hão de gozar uma felici-

dade inconcebível na presença de Deus por toda a eternidade.

11. Há objeções a qualquer item anteriormente exposto? Há aqui qualquer ponto que não credes também?

Mas entendeis que devemos crer mais ainda. Não vamos entrar nesta disputa no momento. Só deixai-me perguntar: “Se alguém sinceramente crê tudo isso, e o pratica, pode qualquer pessoa persuadir-vos de que tal homem há de perecer eternamente?”

12. “Mas ele (o Protestante) pratica tudo isso?” Se não, concordamos que a sua fé não o salvará! O que me leva a mostrar-vos, em poucas palavras, singelas e claras, a prática de um verdadeiro Protestante.

Digo, um verdadeiro Protestante, pois eu rejeito todos de conversação torpe, os que não guardam o domingo, os alcoólatras, os incontinentes, os mentirosos, os desonestos, os avarentos; enfim, todos que vivem em pecado aberto. Estes não são Protestantes; não são cristãos de qualquer espécie. Dai-lhes o seu nome verdadeiro: são pagãos. São a maldição da nação, a perdição da sociedade, a vergonha da raça humana; a escória da terra.

13. Um verdadeiro Protestante crê em Deus, tem plena confiança na sua misericórdia, teme-o com amor filial, e o ama com toda a sua alma. Ele adora a Deus em espírito e verdade, e em tudo lhe dá graça; invoca-o com o seu coração e não só com os lábios, sempre e em todo o lugar; honra a seu santo nome e a sua palavra, e verdadeiramente o serve todos os dias da sua vida.

Não aprovais tudo isto? Há aqui qualquer ponto que podeis condenar? Vós o praticais também? Podeis ser felizes se não o praticardes? Po-

deis esperar a verdadeira paz neste mundo e no vindouro se não credes em Deus por meio de Cristo? Se não temerdes e amardes a Deus? Meus caros amigos, considerai, não vos estou persuadindo a deixar ou mudar a vossa religião, mas seguir aquele temor e amor de Deus sem o qual toda a religião é vã. Não vos digo palavra alguma sobre as vossas opiniões ou formas externas de culto. Mas afirmo que, todo o culto é uma abominação ao Senhor, a não ser que vós o adoreis em espírito e em verdade; com o coração bem como com os lábios; com o espírito, e também com o entendimento. Seja qual for a vossa forma de culto, em tudo dai graças ou é trabalho perdido. Praticai quaisquer usos externos que desejardes; mas honrai o seu nome santo e a sua Palavra, e servi-o verdadeiramente todos os dias da vossa vida.

14. Também, um verdadeiro Protestante, ama ao seu próximo, isto é, todo o homem, amigo ou inimigo, bom ou mau, como a si mesmo, como ama a sua própria alma, como Cristo nos amou. E como Cristo deu a sua vida por nós, assim o verdadeiro Protestante está pronto a dar a sua vida pelos irmãos. Ele mostra esse amor fazendo a todos os homens tudo aquilo que ele deseja que lhes façam. Ele ama, honra, e obedece os seus pais e os ajuda até ao máximo de suas forças. Honra e obedece ao Rei e a todos investidos de autoridade. Alegrementemente se submete a todos os seus governadores, mestres e pastores, espirituais e senhores. Ele se comporta humilde e reverentemente perante os seus superiores. Não prejudica a ninguém por palavra ou ato. É sincero e justo em todos os seus negócios. Não nutre rancor ou ódio no seu coração. Abstém-se de falatórios, de mentira, de calúnias; nem se encontra dolo na sua boca. Sabendo que o seu corpo é templo do Espírito Santo, ele o mantém com sobriedade, temperan-

ça e castidade. Não cobiça os bens dos outros, mas se contenta com o que tem; e trabalha para ganhar a sua própria vida, e cumprir plenamente a vontade de Deus naquela posição de vida onde agradou a Deus colocá-lo.

15. Tendes qualquer coisa a reprovar no exposto? Não sois aqui iguais aos Protestantes? Se não (dizei a verdade), não sois condenados tanto por Deus, como pela vossa própria consciência? Podeis falhar em qualquer dos pontos aqui sem deixardes de ser um Cristão?

Vinde, irmãos, e arrazoemos. Sois corretos, se apenas amardes o vosso amigo e odiardes o inimigo? Não fazem assim os pagãos e os publicanos? Sois ordenados a amar aos vossos inimigos, abençoar aos que vos amaldiçoarem, orar pelos que vos caluniarem e vos perseguirem. Não obedecéis à vocação celestial? Os vossos entranháveis afetos para com todos os homens — não só para com os bons, mas também para com os maus e ingratos — mostram que sois filhos do vosso Pai que está nos céus? Doutra forma, o que quer creiais e praticais, sois do vosso pai, o Diabo. Estais prontos a dar a vossa vida pelos irmãos? Fazei a todos como quereis que os outros façam? Se não, não enganeis a vossa própria alma; sois ainda pagãos. Amais, honrais e obedecéis pai e mãe, ajudando-os ao máximo das vossas forças? Honrais e obedecéis a todos os que têm autoridade, todos os governadores, pastores espirituais e senhores? Vós vos comportais com humildade e reverência diante dos superiores? A ninguém feris por palavras ou ações? Sois corretos e justos em todos os negócios? Sois cuidadosos em pagar tudo o que deveis? Sentis má vontade, inveja, vingança, ódio ou rancor contra qualquer homem? Se assim o fazeis, é claro que não sois de Deus, pois tudo isto é o espírito do Diabo. Falais a verdade de coração a todos os

homens, e sempre em meiguice e amor? Sois um verdadeiro israelita em quem não há dolo? Guardais o vosso corpo com sobriedade, temperança, e castidade, sabendo que é Templo do Espírito Santo, e se alguém profanar o templo de Deus, Deus o destruirá? Tendes aprendido a viver contente em toda e qualquer situação? Trabalhais para ganhar a vossa própria vida, evitando ociosidade como ao próprio fogo do inferno? O diabo tenta outros, mas o homem ocioso tenta ao diabo. A mente do homem ocioso é a oficina do diabo, onde ele continuamente opera o mal. Tudo quanto te vem a mão para fazer, fazeis conforme tuas forças? E fazeis tudo perante ao Senhor, como um sacrifício a Deus, aceitável em Cristo Jesus?

Isto, isto tão somente, é a antiga religião. Este é o verdadeiro e primitivo cristianismo. E quando haverá ele de se alastrar por toda a terra? Quando será ele encontrado tanto entre nós como entre vós? Sem esperar pelos outros, que cada um de nós, pela graça de Deus, nos corrijamos mutuamente.

16. Não estamos de acordo até aqui? Então, demos graças a Deus por isto, e o recebamos como uma nova prova do seu amor. Mas se Deus ainda nos ama, devemos também amar um ao outro. Devemos, sem discussão sobre opiniões, provocar um ao outro ao amor e às boas obras. Que os pontos em que temos diferença de opinião fiquem de lado: aqui há suficientes áreas onde concordamos, suficientes para serem o fundamento de todo o espírito e ato cristão.

Ó irmãos, não desfaleçamos pelo caminho. Espero ver-vos no céu. E se eu praticar a religião acima descrita, não ousareis dizer que eu vou para o inferno. Não podeis pensar assim, e ninguém vos poderá persuadir a pensar assim. Vossa própria consciência diz o contrário. Então, se não po-

demos ainda pensar o mesmo em todas as coisas, pelo menos podemos estar juntos no amor (love alike). Nisto, não podeis errar. Pois de um ponto ninguém poderá duvidar nenhum momento: Deus é amor; e quem vive em amor vive em Deus e Deus nele.

17. Em o nome, então, e na força de Deus, resolvamos, primeiro, a não nos ferir mutuamente; a não fazer nada descaridosa ou inamistosamente, nada que não gostaríamos que fosse feito a nós mesmos. Pelo contrário, busquemos em cada oportunidade um bondoso, amigável, e cristão trato entre nós.

Resolvamos, em segundo lugar, com a ajuda de Deus, a nada falar áspera ou inamistosamente um do outro. A maneira mais certa para conseguir isto é dizer todo o bem possível, tanto sobre o outro como para o outro em toda a nossa conversação, entre nós ou concernente ao outro, usar só a linguagem do amor, falar com toda a delicadeza e meiguice, com a expressão mais carinhosa e consistente com a verdade e a sinceridade.

Em terceiro lugar, resolvamos não nutrir nenhum pensamento menos caridoso e nenhum espírito inamistoso um para com o outro. Deitemos o machado à raiz da árvore; examinemos tudo que nasce em nosso coração, e não admitamos qualquer atitude que seja contrária ao terno afeto.

Então, facilmente evitaremos ações e palavras sem caridade, quando a própria raiz da amargura está decepada.

Esforcemo-nos, em quarto lugar, para mutuamente nos ajudarmos sempre, regozijemo-nos em fortalecer nossas mãos em Deus. Acima de tudo, que cada um de nós tenha cuidado de si mesmo (uma vez que cada um deve prestar contas a Deus) que não se afaste da religião de amor, que não venha a ser condenado naquilo que ele mes-

mo aprova. Ó, que nós (sem nos importarmos com o que outros fazem), prossigamos para o prêmio da nossa soberana vocação: que sendo justificados pela fé, tenhamos paz com Deus pelo Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem acabamos de receber a reconciliação; que o amor de Deus seja derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi outorgado. Consideramos tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo nosso Senhor; estando pronto a perder todas coisas por Ele, considerando-as como refugio para ganharmos a Cristo.

Sou,

Vosso servo amistoso, pelo amor de Cristo,

João Wesley

Dublin, 18 de julho de 1749

(The Letters of John Wesley, Vol. III, pp. 7-14.)